



GÊNERO E CARREIRA DOCENTE NO BRASIL: Reflexões a partir de uma revisão sistemática da literatura na década 2011-2020

Roseli de Oliveira Machado

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento
Comunitário da Universidade Estadual do Centro-Oeste, PPGDC/UNICENTRO
romachado@unicentro.br*

Luciana Rosar Fornazari Klanovicz
*Docente do PPGDC/UNICENTRO,
lucianarfk@gmail.com*

*Simpósio Temático nº 15: DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO, RELAÇÕES DE GÊNERO E
DIVERSIDADE SEXUAL: DESAFIOS ATUAIS E INTERLOCUÇÕES COM A CIÊNCIA &
TECNOLOGIA (C&T) E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (EPT)*

RESUMO

As desigualdades de gênero afetam grande parte das relações sociais, incluindo aquelas que ocorrem no meio acadêmico e científico, historicamente criado por homens e para eles. A estrutura cultural das universidades, como o principal *lôcus* de desenvolvimento da produção acadêmico-científica, mostra-se de vocação masculina e apesar do aumento no número de mulheres ingressando no ensino superior como estudantes de graduação internacionalmente, elas continuam a não progredir na hierarquia acadêmica nas mesmas condições e velocidade de seus pares do sexo masculino. No Brasil, a realidade encontrada não é distinta. Ainda que a carreira acadêmica seja desenvolvida predominantemente em universidades públicas, o que confere uma aparente igualdade na carreira, a existência de assimetrias de gênero já foi relatada em algumas dessas instituições. Assim, é necessário problematizarmos sobre como as questões de gênero interferem na trajetória profissional no meio acadêmico brasileiro. Este estudo tem por objetivo analisar as relações de gênero na carreira acadêmica no Brasil, a partir de uma revisão da literatura. A pesquisa, de natureza exploratória, adota como delineamento a revisão sistemática da literatura, a partir de um intervalo temporal de 10 anos (2011 a 2020). A base de dados escolhida foi o Banco de Teses e Dissertações da CAPES, assim fazem parte do estudo as dissertações e teses defendidas no Brasil no interstício temporal indicado. O material relevante coletado e analisado e demonstra como a produção está distribuída por área de conhecimento, ano, gênero do autor, recorte metodológico e principais fatores intervenientes na trajetória profissional docente no Brasil.

Palavras-chave: Assimetrias de Gênero. Carreira Acadêmica. Universidades Brasileiras.

ABSTRAT

Gender inequalities affect social relations, including those that take place in academia, historically created by and for men. The cultural structure of universities, as the main locus for the development of academic-scientific production, shows a male vocation and despite the increase in the number of women entering college education as undergraduate students

internationally, they continue to not progress in the academic hierarchy in the same conditions and speed as their male peers. In Brazil, the reality found is not different. Even though the academic career is predominantly developed in public universities, which confers an apparent equality in the career, the existence of gender asymmetries has already been reported in some of these institutions. Thus, it is necessary to discuss how gender issues interfere in the professional trajectory in the Brazilian academic environment. This study aims to analyze gender relations in the academic career in Brazil, based on a literature review. The research, of an exploratory nature, adopts as its design a systematic literature review, from a time interval of 10 years (2011 to 2020). The database chosen was the CAPES Theses and Dissertations Database, thus the dissertations and theses defended in Brazil in the indicated time interval are part of the study. The relevant material collected and categorized and demonstrates how the production is distributed by area of knowledge, year, author's gender, methodological approach and main factors involved in the Brazilian academic career.

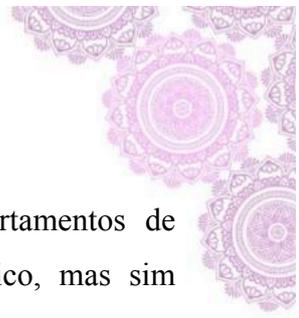
Keywords: Gender Asymmetries. Academic career. Brazilian Universities.

INTRODUÇÃO

Mudanças sociais diversas, sob a ótica de gênero, foram vivenciadas no último século. Dentre tais transformações, podemos incluir a maior participação da mulher no mercado de trabalho, a crescente escolarização feminina, a redução das taxas de fecundidade e a disseminação do uso de métodos contraceptivos.

Todavia, independentemente desses reconhecidos avanços, há diversas esferas da sociedade nas quais as assimetrias de gênero perduram, em vários pontos do mundo. Essa é, inclusive, a realidade da ocupação dos postos melhor remunerados e de mais prestígio no mercado de trabalho brasileiro. É sabido que no Brasil a qualificação feminina nem sempre encontra resultados compatíveis no mercado de trabalho.

A construção do sistema de gênero se dá na teia das relações sociais e de poder, e a compreensão das diferenças inerentes a este sistema passa, obviamente, pelo próprio entendimento do que gênero implica, enquanto categoria e campo de estudo. Scott (1995) sustenta que o núcleo essencial da definição de gênero é baseado na conexão entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais e baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. Ainda, para ela, trata-se de um sistema de relações de poder assentadas num conjunto de qualidades, papéis, identidades e comportamentos distintos atribuídos a homens e mulheres, sendo as relações de gênero, assim como as de classe e etnia, determinadas pelo contexto social, cultural, político e econômico.



Percebemos dessa forma que as diferenças constatadas nos comportamentos de homens e mulheres não são dependentes do sexo, como um fator biológico, mas sim determinadas pelo gênero e, portanto, ligadas à cultura (PEDRO, 2005),

Nas universidades brasileiras, a exemplo do que ocorre no mercado de trabalho como um todo, as relações laborais são atravessadas pelas questões de gênero. Ainda que a carreira acadêmica seja desenvolvida em universidades públicas, na maioria dos casos no país, o que lhe dá um ‘manto’ de neutralidade e igualdade de condições, assimetrias de diversas ordens sob as lentes de gênero foram encontradas nessas instituições.

Assim, é necessário problematizarmos sobre como as questões de gênero interferem na trajetória profissional no meio acadêmico brasileiro. Diante disso, este trabalho tem por objetivo analisar como as relações de gênero são percebidas na carreira acadêmica no Brasil, a partir de uma revisão da literatura.

O estudo está dividido em mais duas seções, além desta introdução e das considerações finais. Iniciamos com uma discussão sobre o caminho metodológico tomado para o alcance dos objetivos, que consistiu, essencialmente, no emprego de uma revisão sistemática da literatura e, em seguida, analisamos o *corpus* documental recolhido a partir da aplicação das técnicas de busca empregadas.

DESENVOLVIMENTO

Percurso Metodológico

A pesquisa realizada é de natureza exploratória e adota como delineamento a revisão sistemática da literatura sobre a temática gênero no ambiente de trabalho acadêmico brasileiro, a partir de um intervalo temporal de 10 anos, compreendido entre 2011 e 2020.

A revisão sistemática da literatura é uma modalidade de pesquisa guiada por protocolos específicos, e que busca entender e dar coerência a um grande *corpus* documental. Colocado de outra forma, trata-se de um delineamento composto por seus próprios objetivos, problemas, metodologia, resultados e conclusão (GALVÃO, RICARTE, 2020).

A questão norteadora do estudo é a seguinte: Como as questões de gênero interferem na trajetória profissional no meio acadêmico brasileiro? A partir do problema de pesquisa, as seguintes definições foram feitas: i) tomou-se os professores universitários atuando em instituições públicas como população alvo do estudo; ii) gênero foi definido como a variável interveniente; e iii) a trajetória profissional considerada como o desfecho a ser analisado.

A base de dados escolhida foi o Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, assim fazem parte do estudo as dissertações e teses defendidas no Brasil no interstício temporal indicado. Justifica-se a escolha do tipo de produção a ser incluído em função da robustez, rigor metodológico e dos apontamentos normalmente inéditos que compõem este tipo de trabalho.

Foram delimitadas as palavras-chave para a área de estudo, a saber: “carreira acadêmica” ou “carreira universitária”; “desigualdade(s) de gênero”, “assimetria(s) de gênero” ou “diferença(s) de gênero”; “mulher(es) na academia”; “mulheres na ciência”, “mulher(es) na universidade”; “universidades e faculdades”, “divisão sexual do trabalho”. As estratégias de busca envolveram o emprego das expressões com suas variantes no singular e no plural. Em um primeiro momento, a seleção dos textos considerou a leitura dos títulos dos trabalhos encontrados. Na sequência, foram lidos os resumos das teses e dissertações pré-selecionadas, e em um terceiro momento foi realizada a análise geral dos documentos extraíndo-se a população e instituição(es) estudada(s), a coerência do estudo, a metodologia empregada e os principais desfechos encontrados em cada trabalho.

Desta forma, foram incluídos na análise os trabalhos cujos textos completos estavam disponíveis na plataforma de pesquisa escolhida. Ademais, considerando que a carreira acadêmica no Brasil é, majoritariamente, uma carreira docente do serviço público, foram incluídos na revisão somente trabalhos que analisaram a questão de gênero em instituições de ensino superior públicas.

As buscas empreendidas resultaram em 36 (trinta e seis) trabalhos que foram analisados sob diversas perspectivas. O material relevante coletado foi analisado e demonstra como a produção está distribuída por área de conhecimento, ano, sexo do autor e orientador, principais aspectos da carreira docente considerados, recorte metodológico e principais fatores intervenientes na trajetória profissional docente no Brasil, conforme descrevemos em mais detalhes a seguir.

Resultados e Discussões

O objetivo deste estudo foi apresentar e discutir os achados da literatura referentes à interferência da variável gênero na trajetória profissional de docentes de universidades públicas brasileiras. Nesse contexto, foram analisadas 36 produções acadêmicas sob o formato de dissertações e teses, defendidas em programas de pós-graduação brasileiros na década 2011 a 2020.

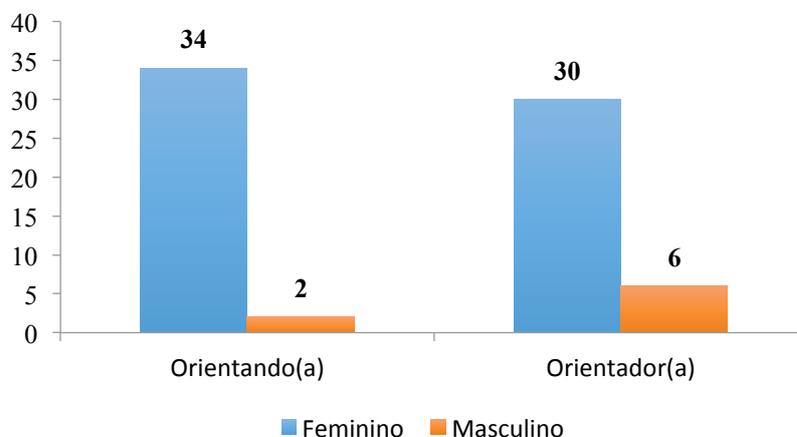
Inicialmente, o material foi organizado segundo o ano de defesa, natureza da produção, sexo de autor e orientador e área do conhecimento do programa de pós-graduação. O Quadro 1 apresenta o ano e a natureza do material recolhido.

Quadro 1 – Ano e natureza das produções levantadas

Ano	Dissertações	Teses	Referências
2011	1	-	Campello (2011)
2012	-	2	Silva (2012) e Santos (2012)
2013	2	1	Moschkovich (2013), Kovaleski (2013) e Freitas (2013)
2014	5	1	Pereira (2014), Lopes (2014), Gauche (2014), Borges (2014), Souza (2014) e Tavares (2014)
2015	1	1	Pontelo (2015) e Marques (2015)
2016	2	-	Crispim (2016) e Carvalho (2015)
2017	1	1	Silva (2017) e Svarcz (2017)
2018	5	1	Freitas (2018), Motta (2018), Silva (2018a), Muller (2018), Alves (2018) e Silva (2018b)
2019	3	2	Souza (2019), Silva (2019), Conceição (2019), Soares (2019) e Ambrosini (2019)
2020	6	1	Varjão (2020), Gomes (2020), Silva (2020a), Silva (2020b), Estrela (2020), Silva (2020c) e Silva (2020d)
Total	26	10	36 produções

No Gráfico 2 podemos perceber que, essencialmente, mulheres pesquisam as trajetórias profissionais de outras mulheres. Do total de 36 pós-graduandos, somente dois eram do sexo masculino, ao passo em que desses mesmos 36 trabalhos, seis foram orientados por docentes do sexo masculino.

Gráfico 1 – Sexo do pós-graduando e do orientador



Entendemos a partir deste achado que, a despeito de uma ampla e crescente produção científica evidenciando as assimetrias de gênero nos mais diversos segmentos da sociedade,

incluindo o meio acadêmico-científico, eles parecem não se interessar pela temática em questão ou não compreender o problema como relevante. Ainda, percebemos que, embora a ciência seja tida como neutra e os cientistas como ‘imparciais’ e objetivos, eles, os cientistas do sexo masculino, são pessoas, submetidas às crenças, normas e padrões culturais de uma sociedade maior, na qual a academia está inserida, e que o sexismo é um fenômeno que perdura dentro dos muros da ciência.

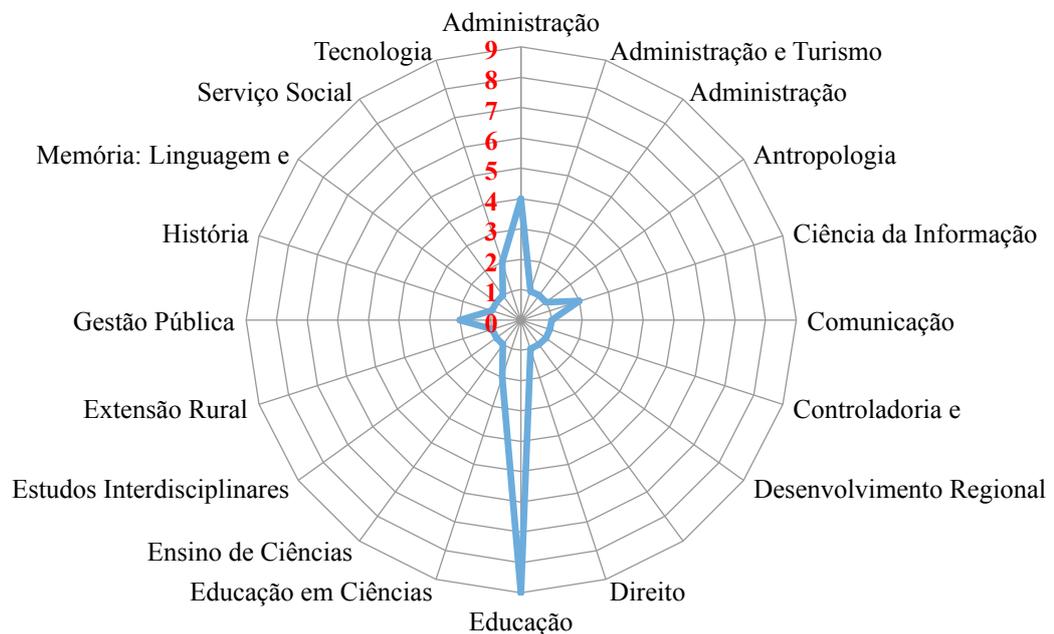
As assimetrias de gênero na academia despertam o interesse de diversas áreas do conhecimento, sobretudo o da Educação, como evidenciado no Gráfico 2. Os estudos das relações de gênero no meio acadêmico transitam em um campo multi e interdisciplinar, por excelência, que agregam pesquisas que buscam a compreensão das dinâmicas sexistas e suas interfaces em diversos campos de conhecimento. Em nossos resultados, essas áreas de conhecimento incluem a Educação e a Administração (Gestão, Gestão Pública e Gestão Universitária), em primeiro lugar, mas também outras variadas (Gráfico 2, na próxima página), como o Desenvolvimento Econômico e Social.

Entendemos que, além de ser, eminentemente, interdisciplinar, enquanto campo de estudos, gênero tem uma história que é tributária dos movimentos feministas e de busca por direitos humanos e civis (PEDRO, 2005). Gênero, enquanto campo de estudos, vai sendo desenvolvido pelos teóricos do feminismo, com vistas a compreender, a partir de uma ótica científica, a desigualdade entre sexos e como tal desigualdade funciona na realidade e prejudica o conjunto de relações sociais existentes. Diante disso, apreende-se que, os estudiosos do campo buscam, em essência, o debate sobre as desigualdades, a segregação e as origens da opressão e da violência contra as mulheres. Assim, a busca da igualdade de gênero é viga mestra dos estudos dessa área.

Relação estreita entre desenvolvimento e gênero pode ser estabelecida. Diversos estudos mundo afora, incluindo aqueles de organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas, evidenciam correlação entre desenvolvimento humano e igualdade de gênero, demonstrando que países que apresentam desenvolvimento humano elevado também revelam uma maior paridade entre homens e mulheres no que concerne ao desempenho escolar e à participação no mercado de trabalho.

Ainda, nesse sentido, vale ressaltar que o desenvolvimento não implica somente progresso econômico, condição essa que não é suficiente para a redução das disparidades de gênero, especialmente considerando-se que os hiatos de gênero são agravados em locais nos quais a pobreza é combinada com fatores de exclusão, tais como etnia, casta, raça, deficiências físicas ou orientação sexual.

Gráfico 2 – Área do Conhecimento do Programa de Pós-Graduação



Diante dos argumentos aqui postos, percebe-se que os estudos de gênero pertencem a um campo interdisciplinar, que, em essência e em última análise, buscam a igualdade de gênero, sendo esta última premissa essencial e, ao mesmo tempo, instrumento de desenvolvimento. Assim, o interesse da área de desenvolvimento socioeconômico pela temática.

Mais adiante, destacamos a população que foi alvo do estudo, os aspectos da carreira que receberam destaque na pesquisa, a abordagem de pesquisa escolhida e o delineamento empregado. Essas informações estão destacadas no Quadro 2.

Quanto à abordagem de pesquisa, percebemos um predomínio daquelas de natureza qualitativa, sendo que os estudos de caso são os delineamentos preferencialmente adotados. Estas escolhas talvez sejam justificadas pela visão mais profunda e a maior proximidade com o objeto que as abordagens qualitativas propiciam, muitas vezes essenciais para a compreensão das dinâmicas sexistas nos organismos sociais. Esta questão acaba por direcionar também a escolha dos instrumentos de coleta de dados (predomínio das entrevistas) e as técnicas de análise, sendo análise do discurso e análise de conteúdo as técnicas mais empregadas.

A compilação do material revelou também que o objeto de pesquisa volta-se mais às áreas STEM (*science, technology, engineering, and mathematics*), historicamente tidas como menos permeáveis à presença de mulheres, e à atuação delas em cursos de pós-graduação

stricto sensu. Ademais, percebemos que a presença feminina nas ciências agrárias e em postos da alta gestão universitária (especialmente, reitoria, nas quais elas são raras), vem despertando interesse da comunidade científica.

Sabemos que a carreira acadêmica é orientada por atividades de ensino, pesquisa e extensão. Além disso, o exercício de atividades ligadas à gestão acadêmica está previsto no rol de atribuições de docentes universitários, e possibilita, o engajamento em decisões relativas ao corpo universitário e a formulações estratégicas no ensino superior. Em nossos achados, percebemos uma maior preocupação com a atuação feminina na produção de conhecimento científico (ênfase maior em aspectos relativos à produtividade científica), seguida da análise da presença de mulheres em cargos de alto prestígio político-administrativo nas hierarquias universitárias (reitoria e vice-reitoria, predominantemente, e pró-reitorias). Por outro lado, estudos interseccionais, que visam associar gênero e raça/etnia ainda são insipientes, aparecendo de maneira concreta somente no trabalho de Silva (2019).

No tocante à interferência de gênero na trajetória profissional acadêmica no Brasil, alguns pontos despertaram nossa atenção, o que passamos a discutir em seguida, sem a pretensão de esgotar o assunto ou criar categorias rígidas de análise.

As assimetrias de gênero existem e persistem, apesar da aparente neutralidade da carreira acadêmica brasileira. A divisão sexual do trabalho adentra os muros da universidade pública brasileira e este fato aparece em todos os trabalhos analisados.

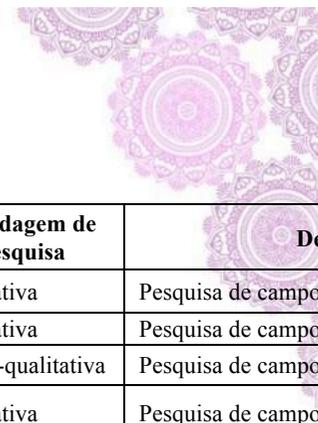
A divisão sexual do trabalho é decorrente das relações sociais de sexo, que tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, conseqüentemente, a ocupação pelos homens das funções de maior valor social agregado. Essa forma de divisão do trabalho tem dois princípios – o da separação, com trabalho de homem e trabalho de mulher, e o da hierarquização, com o trabalho do homem valendo mais que o da mulher (KERGOAT, 2009). Nas universidades, a divisão sexual do trabalho manifesta-se na ‘concentração vertical’, com a participação feminina em posições de maior prestígio caindo drasticamente à medida em que se aumenta o nível hierárquico, e da ‘concentração horizontal’, com determinadas áreas sendo menos ‘permeáveis’ às mulheres, em especial as STEM. Destacamos Freitas (2018):

Esse fenômeno não pertence ao passado, não é isolado, circunstancial ou particular a um dado centro de estudos nem é produto das fantasias paranoides feministas: embora haja transgressões e transformações, a assimetria de poder, financeira e simbólica entre mulheres e homens nos contextos acadêmicos é uma realidade estruturadora das atividades e das relações interpessoais e intergrupais que ali têm lugar (FREITAS, 2018, p. 253).



Quadro 2 – Alvo, aspectos e percursos metodológicos das pesquisas

Autor	Alvo do Estudo	Aspectos da Carreira Enfocados	Abordagem de Pesquisa	Delineamento(s)
Campello (2011)	Reitoras de universidades federais	Administrativos	Qualitativa	Pesquisa de campo, Estudo de casos múltiplos
Silva (2012)	Mulheres cientistas	Científicos	Qualitativa	Pesquisa de campo, Estudo de casos múltiplos
Santos (2012)	Docentes da UFSE	Científicos e Administrativos	Qualitativa	Pesquisa de campo, Estudo de caso
Moschkovich (2013)	Docentes dos cursos de Medicina, Engenharia Mecânica e Química da UNICAMP	Científicos e Carreira Institucionalizada	Qualitativa	Pesquisa de campo, Estudo de caso
Kovaleski (2013)	Docentes pesquisadores da pós-graduação da URFPR e da UTC	Científicos e Administrativos	Qualitativa	Pesquisa de campo, Estudo de casos múltiplos
Freitas (2013)	Professores dos PPGs em engenharia e bolsistas produtividade na área	Científicos	Quantitativa	Pesquisa bibliográfica / documental
Lopes (2014)	Docentes mulheres da área de Engenharia	Científicos e Administrativos	Qualitativa	Pesquisa de campo, Estudo de Caso
Gauche (2014)	Docentes dos PPGs em Administração da região Sul	Científicos	Quanti-qualitativa	Pesquisa de campo, Estudo de casos múltiplos
Borges (2014)	Docentes e coordenadores de PPGs de duas universidades federais (UFRJ e UFMA)	Científicos	Quanti-qualitativa	Pesquisa de campo, Estudo de casos múltiplos
Souza (2014)	--	Administrativos	Qualitativa	Pesquisa bibliográfica / documental
Tavares (2014)	Estudantes, pesquisadores e docentes na área de Engenharia na região Norte	Científicos	Quantitativa	Pesquisa bibliográfica / documental
Pontelo (2015)	Reitoras de universidades federais mineiras	Administrativos	Qualitativa	Pesquisa de campo, Estudo de casos múltiplos
Marques (2015)	Docentes do curso de Serviço Social da Unespar dos campus de Paranavaí e Apucarana	Não se aplica	Qualitativa	Pesquisa de campo
Pereira (2014)	Mulheres que ocuparam postos de liderança na hierarquia administrativa da FURB	Administrativos	Qualitativa	Pesquisa de campo, Estudo de caso
Crispim (2016)	Docentes da Universidade do Extremo Sul Catarinense	Proporções e feminilização do quadro	Qualitativa	Pesquisa bibliográfica / documental
Carvalho (2015)	Mulheres bolsistas produtividade do CNPq da UFSCAR	Científicos	Qualitativa	Pesquisa de campo, Estudo de caso
Silva (2017)	Docentes mulheres de Engenharia Mecânica, Física e Matemática de uma IFES no Nordeste	Científicos e Administrativos	Qualitativa	Pesquisa de campo, Estudo de caso



Autor	Alvo do Estudo	Aspectos da Carreira Enfocados	Abordagem de Pesquisa	Delineamento(s)
Svarcz (2017)	Docentes da área de física da UFSC	Ingresso e Científicos	Qualitativa	Pesquisa de campo
Freitas (2018)	Docentes dos programas de pós-graduação da UFMG	Científicos	Qualitativa	Pesquisa de campo
Motta (2018)	Docentes do Centro de Ciências Agrárias da UFV	Ingresso e Científicos	Quanti-qualitativa	Pesquisa de campo, Estudo de caso
Silva, A. M. C. (2018)	Mulheres em altos cargos na hierarquia universitária nas três universidades públicas de MS	Administrativos	Qualitativa	Pesquisa de campo
Muller (2018)	Alunas e docentes mães de universidades públicas do RJ, na condição de gestantes e/ou mães de filhos recém-nascidos ou com até 5 anos	Não se aplica	Qualitativa	Pesquisa de campo
Alves (2018)	Professoras de PPGs da UNESC	Não se aplica	Qualitativa	Pesquisa de campo
Silva, K. E. V. (2018)	Ocupantes de funções gerenciais na UFPE	Administrativos	Quanti-qualitativa	Pesquisa de campo, Estudo de caso
Souza (2019)	Não se aplica	Não se aplica	Qualitativa	Pesquisa bibliográfica / documental
Silva (2019)	Docentes negras da UnB	Ingresso	Qualitativa	Pesquisa de campo, Estudo de caso
Conceição (2019)	Cientistas mulheres ligadas às Academias Pernambucanas de Ciência Agrônoma, Medicina Veterinária e Química e alunas desses cursos na UFRPE	Científicos	Qualitativa	Pesquisa de campo
Soares (2019)	Docentes e pesquisadoras de Administração vinculadas ao stricto sensu brasileiras e portuguesas	Científicos e Administrativos	Qualitativa	Pesquisa de campo
Ambrosini (2019)	Mulheres ocupantes de posições na reitoria, vice-reitoria e pró-reitoras das universidades federais	Administrativos	Qualitativa	Pesquisa bibliográfica / documental
Varjão (2020)	Docentes mulheres dos cursos de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Sergipe	Administrativos e Científicos	Qualitativa	Pesquisa de campo, Etnografia
Gomes (2020)	Docente dos departamentos de Engenharia Civil, Matemática e Física da UFV	Científicos	Qualitativa	Pesquisa de campo, Estudo de caso
Silva, I. T. A. (2020a)	Docentes e discentes de Contabilidade de cursos stricto sensu em universidades públicas brasileiras	Não se aplica	Quanti-qualitativa	Pesquisa de campo
Silva, J. B. (2020)	Ex-reitoras das Universidades Estaduais Baianas	Administrativos	Qualitativa	Pesquisa de campo, Estudo de casos múltiplos
Estrela (2020)	Professores de pós-graduação em Ciências Agrárias	Científicos	Quantitativa	Pesquisa bibliográfica / documental
Silva, E. F. (2020)	Mulheres pretendentes ao ingresso, estudantes e docentes dos cursos da área STEM na UFPA	Ingresso	Qualitativa	Pesquisa bibliográfica / documental
Silva, F. V. J. (2020)	Mulheres docentes nas áreas de Exatas e Tecnologia na UFMA	Não se aplica	Qualitativa	Pesquisa de campo

A trajetória das mulheres docentes universitárias é mais laboriosa. Este fato é reportado frequentemente no material coletado. Ademais, é marcada por assimetrias que se dão mais fortemente no campo simbólico, quer dizer, naquilo que homens e mulheres pensam sobre o que homens e mulheres são, conseguem, devem e podem fazer em suas vidas profissionais e familiares (MOSCHKOVICH, 2013).

Além disso, outra questão evidenciada é que a rotina diária e as muitas horas dedicadas à carreira de professor de ensino superior e pesquisador, são mais propensas à adaptação do homem em função de dois fatores: o maior investimento das mulheres no trabalho reprodutivo em relação aos homens e porque existem, na carreira universitária, mecanismos de discriminações que limitam a progressão das mulheres (KOVALESKI, 2013).

Entretanto, muitas delas tendem a considerar os empecilhos à ascensão na carreira como ‘normais’, ou seja, a naturalizar as iniquidades vivenciadas. Nesse sentido, destacamos o que sustenta Silva (2017) em seu trabalho, de que a maioria das docentes pesquisadas atribui as dificuldades enfrentadas a questões pessoais, como os problemas de cunho familiar, ou o fato de ter filhos pequenos e que são poucas as que percebem a discriminação de gênero nas relações de trabalho.

Os trabalhos realizados nas áreas STEM são unânimes em apontar as dificuldades delas em campos ‘masculinos’ e a sub-representação feminina em carreiras das ciências exatas e tecnológicas no Brasil, seguindo tendências de outros países. Esta sub-representação está relacionada ao fato de que o ambiente acadêmico e científico apresenta-se como um espaço androcêntrico com tendências ao apagamento do trabalho de mulheres (SOUZA, 2019).

Mas, ao contrário do que uma análise superficial da problemática em questão pode indicar, as áreas historicamente tidas como ‘femininas’ não estão isentas das assimetrias de gênero. Nesse sentido, mesmo as docentes atuando em cursos tradicionalmente vistos como ‘femininos’ e ligados ao cuidado, dentro de uma ótica de divisão sexual do trabalho, como Enfermagem, e Educação, vivenciaram e ainda vivenciam restrições e dificuldades (FREITAS, 2018).

Outro ponto interessante encontrado, já nos trabalhos que se dedicam a analisar aspectos político-administrativos da carreira, é a existência de um estereótipo de papel sexual masculino, que leva as reitoras, por exemplo, a adotarem comportamentos considerados por elas e por outros como ‘masculinos’ (CAMPELLO, 2011). Ademais, a aquiescência a um ‘padrão entendido como masculino de fazer ciência’ foi destacada em diversos estudos, com o

adiamento ou a recusa à maternidade sendo citado como um dos resultantes de tal comportamento (FREITAS, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou levantar a produção científica na área de gênero e atuação acadêmico-universitária brasileira na última década. Compuseram a pesquisa 26 dissertações e 10 teses, num total de 36 produções, desenvolvidas em diversas universidades públicas brasileiras. Percebemos que a produção de pós-graduação nesse campo está mais voltada a áreas historicamente consideradas ‘masculinas’ e à atuação de mulheres em programas de pós-graduação *stricto sensu*, dadas as dificuldades mais anunciadas delas nesses espaços. Entretanto, campos do conhecimento estereotipados como ‘femininos’ estão longe da imunidade ao sexismo.

A conclusão de que carreira acadêmico-universitária no Brasil é sexista parece óbvia à primeira vista, se considerarmos a realidade do mercado de trabalho brasileiro. Entretanto, vale lembrar que as universidades públicas são cobertas por um ‘manto’ de neutralidade em termos de gênero, já que o ingresso de pessoal é feito mediante concurso público. Ademais, não é prática questionar o que é proveniente do meio científico e acadêmico.

Tendo em vista as abordagens de pesquisa empreendidas e os delineamentos escolhidos, os trabalhos levantados, em sua grande maioria, são recortes da realidade vivenciada por docentes mulheres nas universidades públicas brasileiras. Retalhos de uma colcha que formam um tecido maior, cheio de significados, que reflete um campo multifacetado como o de gênero.

REFERÊNCIAS

ALVES, Daniela Maçaneiro. Mulheres nas Ciências: A carreira das docentes pesquisadoras dos programas de pós-graduação *stricto sensu* na perspectiva de gênero - UNESC (2010 – 2015). 2018. 228 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2018.

AMBROSINI, Anelise Bueno. Mulheres na administração universitária federal brasileira: Evidências sobre o fenômeno teto de vidro e proposições para o seu rompimento. 2019. 214 p. Dissertação (Mestrado em Administração Universitária) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

BORGES, Elinielle Pinto. Gênero, ciência e contexto regional: Analisando diferenças entre os docentes da pós-graduação de duas universidades brasileiras. 2014. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CAMPELLO, Gabriella Vasconcellos de Araújo. A construção da carreira de reitoras: um olhar sobre as universidades federais. 2011. 174 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

CARVALHO, Carolina Cisoto Barbosa de. Equidade de gênero na ciência? Um estudo sobre as pesquisadoras bolsistas de produtividade da Universidade Federal de São Carlos. 2015. 160 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

CONCEIÇÃO, Josefa Martins da. Mulheres na ciência: Diálogo entre as cientistas das Academias Pernambucanas de Ciência, Agrônômica, Medicina Veterinária e Química e alunas desses cursos na UFRPE. 2019. 234 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

CRISPIM, Ana Laura. Trabalho e gênero: Análise da feminização e feminilização na docência do ensino superior na universidade do extremo sul catarinense. 2016. 93 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Socioeconômico) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2016.

ESTRELA, Hevellin. Sexo e gênero na ciência: As desigualdades nas atividades acadêmicas científicas entre mulheres e homens docentes de programas de pós-graduação em Ciências Agrárias. 2020. 127 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

FREITAS, Bárbara Bezerra. Diferenças de gênero na pesquisa e pós-graduação em Engenharia no Brasil. 2013. 70 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suco, Rio de Janeiro, 2013.

FREITAS, Marcel de Almeida. Assimetrias de gênero na perspectiva de mulheres acadêmicas de uma universidade federal brasileira. 2018. 275 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. *Logeion: Filosofia da informação*, Rio de Janeiro, v. 6 n. 1, p.57-73, 2020.

GAUCHE, Susana. Igualdade de gênero nos cursos de pós-graduação stricto sensu em Administração da Região Sul do Brasil. 2014. 234 f. Tese (Doutorado em Administração e Turismo) - Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu, 2014.

GOMES, Jamille Mylena de Freitas. A divisão sexual do trabalho e a dimensão generificada do campo científico : um recorte da Universidade Federal de Viçosa. 2020. – Viçosa, MG, 2020. 86 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2020.

KERGOAT, Danièle. Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo. In: HIRATA, Helena (Org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009.

KOVALESKI, Nadia Veronique Jourda. Relações de gênero entre docentes dos Programas de Pós-Graduação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e da Universidade Tecnológica de Compiègne (UTC-França): um estudo comparativo das carreiras de homens e mulheres. 2013. 255 f. Tese (Doutorado em Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

LOPES, Ana Carolina Carneiro. A presença feminina no corpo docente dos cursos de Engenharia das instituições precursoras da Universidade Federal de Itajubá. 2014. 103 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências) – Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, 2014.

MARQUES, Maria Inez Barbosa. Divisão sexual do trabalho e suas expressões: reflexões a partir do trabalho docente em Serviço Social na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). 2015. 299 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2015.

MOSCHKOVICH, Marília Bárbara Fernandes Garcia. Teto de vidro ou paredes de fogo?: Um estudo sobre gênero na carreira acadêmica e o caso da UNICAMP. 2013. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2013.

MOTTA, Janayna Avelar. Mecanismos de reprodução das assimetrias de gênero no campo acadêmico: A formação universitária e a atuação profissional no Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Viçosa – MG. 2018. 123 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2018.

MULLER, Monica Sirieiro Abreu. O impacto da maternidade na Academia - Uma análise multidisciplinar nos campos do Direito e das Políticas Públicas sobre as mães em universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro. 2018. 163 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*. São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PEREIRA, Leonir Martins. Liderança das mulheres nos 50 anos da Universidade Regional de Blumenau (FURB). 2014. 99 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2014.

PONTELO, Anália das Graças Gandini. Relação de gênero em universidades mineiras: o fenômeno "teto de vidro" nos cargos da alta administração. 2015. 117 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Centro Universitário Unihorizontes, Belo Horizonte, 2015.

SANTOS, Silmere Alves. Trabalho docente, família e vida pessoal: permanências, deslocamentos e mudanças contemporâneas. 2012. 310 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Ana Maria Correia. Atuação Profissional, relações de Gênero e Divisão Sexual do Trabalho: Representações Sociais de Mulheres que Ultrapassaram o "Teto do Vidro" e assumiram funções e Alto Nível em Âmbito Educacional. 2018. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2018.

SILVA, Érika Costa. Trajetória profissional de mulheres negras docentes na Universidade de Brasília (UnB). 2019. 101 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SILVA, Ester Ferreira. A exclusão de gênero em Ciência e Tecnologia na perspectiva da Ciência da Informação: Um estudo de caso na Universidade Federal do Pará. 2020. 73 f.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

SILVA, Fabiane Ferreira da. Mulheres na ciência: Vozes, tempos, lugares e trajetórias. 2012. 147 p. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

SILVA, Fernanda Vanessa de Jesus. Entre números e saias: a trajetória de mulheres professoras de Ciências Exatas da Universidade Federal do Maranhão. 2020. 101 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Maranhão, São Luiz, 2011.

SILVA, Isis Tamara Alves. Gênero e o contexto acadêmico Contábil: Percepções sobre a discriminação na trajetória das mulheres em Instituições de Ensino Superior Brasileiras. 2020. 182 f. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SILVA, Josias Benevides. Gestão das Universidades Estaduais Baianas: Mulheres, memória e representações sociais. 2020. 216 f. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020.

SILVA, Kátia Elaine de Vasconcelos. A representatividade das mulheres na gestão acadêmica da Universidade Federal de Pernambuco. 2018. 114 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

SILVA, Lucimeiry Batista da. Carreiras de professoras das Ciências Exatas e Engenharia: estudo em uma IFES do Nordeste brasileiro. 2017. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SOARES, Eva Bessa. Trajetórias de acadêmicas no Brasil e em Portugal: um olhar sobre o gênero a partir de uma Grounded Theory. 2019. 206 f. Tese (Doutorado em Administração) - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2019.

SOUZA, Mayara de Oliveira. Relações de Gênero na Carreira Acadêmica: Limites ao ingresso, avanço e consolidação da Carreira Científica das Mulheres no Brasil. 2019. f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SOUZA, Regis Glauciane Santos de. Gênero e mulheres nas universidades - Um estudo de caso na UFBA. 2014 198 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SVARCZ, Kariane Camargo. Gênero e Física: A inserção de mulheres na "Ciência Hard" da UFSC (1980-2010). 2017. 239 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

TAVARES, Ariane Serpeloni. Do plural ao singular: Um estudo sobre as condições de gênero, carreira científica e desenvolvimento na Região Norte. 2014. 139 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2014.

VARJÃO, Ciaria de Aguiar Freitas. Lugar de mulher é onde ela quiser? Inserção, formação e trabalho das docentes em Ciências Agrárias no campus do Sertão da Universidade Federal de Sergipe. 2020. 143f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.